

INFERNINHO: UMA PROBLEMATIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS EM *CIDADE DE DEUS*, DE PAULO LINS

Ana Cláudia Gomes de Souza¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar a personagem Inferninho, de **Cidade de Deus**, ressaltando os problemas sociais e econômicos proporcionados pelo capitalismo; assim como a revolta dos menos favorecidos, causada pelas disparidades sociais existentes na sociedade atual. Discutiremos a exploração do trabalho e sua relação com o tráfico de drogas, partindo de problematizações feitas por Karl Marx no século XIX, mas que permanecem até hoje. A fim de fundamentar nossas análises, também nos apoiaremos em outros autores como Georges Bataille, Slavoj Žižek e Zygmunt Bauman.

Palavras-chaves: Literatura Brasileira; Cidade de Deus; capitalismo; desigualdades sociais.

INTRODUÇÃO:

Em **Cidade de Deus**, romance escrito por Paulo Lins, há um retrato do desenvolvimento do tráfico na comunidade que deu nome ao livro, desde a década de setenta até a década de noventa. O interessante desta obra é ter sido escrita por alguém que vivenciou, como morador, todo o processo de formação do crime organizado. É este olhar de dentro, que nos permite ter uma ideia não só dos fatos ocorridos, mas dos fatores sociais por trás deles.

Buscaremos uma melhor compreensão dos elementos, que contribuem para que um indivíduo opte por levar uma vida de crimes, vivendo à margem da sociedade, através da personagem Inferninho.

Para um melhor desenvolvimento desta análise, tomaremos por base aspectos presentes na ficção, mas que refletem as desigualdades sociais existentes na sociedade capitalista.

Iniciaremos com o contexto familiar da personagem e a importância deste em sua trajetória. Os desejos e anseios de Inferninho serão mesclados aos fatores sociais, que, de certa forma induzem tais ambições. Assim como o alto preço pago por fugir às leis que regem a sociedade.

A análise aqui apresentada serve tanto para reflexões sobre o romance de Paulo Lins como sobre a realidade de milhares de jovens.

¹ Graduanda em Letras- Português-Literatura do UNIABEU. Membro integrante discente do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade do UNIABEU, sob a orientação do Prof. Dr. Anderson Figueirêdo Brandão.

1. A FAMÍLIA DE INFERNINHO

A personagem Inferninho é a primeira das três a darem nome aos três capítulos de **Cidade de Deus**: a história de Inferninho, a história de Pardalzinho e a história de Zé Miúdo. A primeira destas três se passa na década de setenta, quando o crime organizado ainda não era uma realidade da comunidade criada para abrigar a população que havia ficado sem lugar para morar após uma enchente que assolou o Rio de Janeiro. Com isso, vieram pessoas de diferentes comunidades da cidade. “Por dia, durante uma semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes.” (LINS, 2012, p. 16)

Inferninho, junto com Tutuca e Martelo, integravam o Trio Ternura. O primeiro trecho, no qual este pequeno grupo de amigos aparece, é o que trata do assalto realizado por eles ao caminhão de entrega do gás. Nesse início, os três realizavam pequenos crimes para arranjar dinheiro para se sustentarem, assim como aos seus vícios.

O jovem marginal era filho de um pai alcoólatra e de uma mãe prostituta. Segundo ele, nem o pai nem a mãe eram seu maior problema familiar, pois o primeiro era ritmista de escola de samba e a segunda colocava dinheiro dentro de casa. Seu grande problema era seu irmão homossexual, Ari. Objeto de grande desprezo por representar a submissão que ele, Inferninho, não aceitava. Se submeter à vontade dos outros era tudo que o bandido não queria, fazia de tudo para manter uma imagem de homem forte e respeitado. O irmão era fraco, submisso a outros homens, assume o papel de mulher que, segundo pensamentos mais tradicionais, representa a parte mais fraca e, por isso, passível de ser dominada pelo homem, mais forte, digno de dominar. Para Inferninho, Ari desperdiçava o único privilégio que a vida não lhes havia negado: o de ser heterossexual.

A mãe piranha até que passava, era conhecida por sua personalidade forte, não levava desaforo para casa, tinha palavra e era respeitada no Estácio. O pai também não era o seu maior problema, porque, quando sóbrio, as crianças não riscavam seu rosto de giz, não lhe roubavam os sapatos, e, apesar disso tudo, ele era bom de briga e ritmista da escola de samba. Mas o irmão... era muita sacanagem... Ter um irmão viado foi uma grande desgraça em sua vida. (LINS, 2012, p. 22)

A avó do rapaz, dona Benedita, sofria de uma doença que a deixara acamada e que a impossibilitou de fugir do incêndio criminoso que causou sua morte. Inferninho, em dado momento, reflete sobre a falta desta senhora em sua vida e em como poderia ser tudo diferente se ela não tivesse morrido, que poderia ter levado uma vida sem crimes. No entanto, o narrador deixa claro que, “Na verdade, a morte da avó serviu somente como um atenuante para seguir o caminho no qual seus pés já tinham dado os primeiros passos”. (LINS, 2012, p. 41)

2. VIDA DE OTÁRIO

Mas o trabalho do proletário, o trabalho assalariado, cria propriedade para o proletário? De modo algum. Cria o capital, isto é, a propriedade

que explora o trabalho assalariado e que só pode aumentar sob a condição de gerar novo trabalho assalariado, para voltar a explorá-lo. Em sua forma atual, a propriedade se move entre dois termos antagônicos: capital e trabalho. (Marx & ENGELS, 2012, p. 52)

“A vida de otário” é uma expressão bastante utilizada não só por Inferninho, mas por todos os bandidos que surgem no romance, e faz referência aos trabalhadores assalariados. O que o personagem mais temia era servir aos interesses capitalistas, trabalhar para gerar riqueza para uma classe tida como superior à sua e que enriquece a partir da exploração.

Inferninho não queria ser “otário”, trabalhar muito e ganhar pouco ou quase nada pelo seu esforço. Queria levar uma vida igual à daqueles que possuíam muito dinheiro e que podiam ter tudo que quisessem. Seu nível de conhecimento não permitia que refletisse sobre os problemas existentes dentro do sistema capitalista, mas ele já havia se dado conta de como os trabalhadores eram explorados e não queria fazer parte disso.

Depois que a avó morreu, Inferninho resolveu que não andaria mais duro. Trabalhar que nem escravo, jamais; sem essa de ficar comendo de marmita, receber ordens de branquelos, ficar com o serviço pesado, sem chances de subir na vida, acordar cedo para pegar no batente e ganhar merreca. (LINS, 2012, p. 41)

Em uma sociedade marcada pelo desejo de ter a qualquer preço, aqueles que deveriam abaixar a cabeça e aceitar a sua situação de trabalhador explorado surgem com um sentimento de revolta contra os que possuem tudo o que o dinheiro lhes permite ter. Inferninho quer uma casa, vai lá e invade uma; quer dinheiro para se drogar, para comer, para se vestir: vai e realiza um assalto. A lógica da bandidagem é simples, é o ter no momento do desejo, é o não esperar para ter. Afinal, por que deveria esperar se alguns podem ter tudo que quiserem, na hora que quiserem? Serão aqueles que pertencem a uma classe mais favorecida melhores que Inferninho, somente pelo fato de terem dinheiro, de possuírem um poder aquisitivo muito superior ao seu?

Inferninho, no que diz respeito a essa visão sobre a exploração do trabalho, nos traz questionamentos pertinentes não só sobre a vida na criminalidade, mas também sobre a vida daqueles que não se rebelam contra isso, aqueles que trabalham para enriquecer o outro, aqueles que não possuem nenhuma possibilidade de enriquecimento, que trabalham para ter o mínimo: comida, casa e roupas.

O fato de a criminalidade surgir entre as camadas mais pobres da população se deve às diferenças sociais proporcionadas pelo capitalismo, que rege a sociedade atual. Se no feudalismo não havia mobilidade entre os estamentos, com o surgimento da burguesia, a situação não se modificou completamente. Junto com os burgueses, surge o capitalismo como um modo de organizar a economia de forma a proteger aqueles que detêm o capital. Há, portanto, uma traição à esperança de mobilidade social através do trabalho, pois a ideologia capitalista diz que é possível, mas as condições impostas pelo sistema não permitem tais mudanças, garantindo às classes mais abastadas que permaneçam no topo, enquanto os desfavorecidos trabalham com a esperança de um dia conseguir mudar sua condição social.

Dentro do sistema capitalista, o indivíduo passa a viver para o objeto e a posse dele. Todos os seus esforços serão no sentido de ter, a existência ganha um caráter materialista. Você é o que você tem. Vivemos, portanto, em uma sociedade do ter e não

do ser², mas o que acontece com aqueles que não têm e que não possuem condições para ter nem mesmo o essencial para sua subsistência? Estas são reflexões feitas sempre por aqueles que não detêm o capital, pois, para aqueles que o possuem, não há necessidade de mudanças. Tudo está como deveria estar.

Há um distanciamento entre a ideologia capitalista e a prática. A primeira propõe uma sociedade igualitária, em que todos possuem as mesmas condições de acesso aos bens de consumo. No entanto, estamos longe de uma igualdade entre as classes sociais. Aliás, estas só existem por causa da desigualdade proporcionada pela má distribuição do capital.

Inferninho observa desde criança as diferenças existentes entre aqueles que possuem o poder aquisitivo e aqueles que não possuem. Após o incêndio e a morte da avó, vai morar um tempo na casa em que sua tia era empregada doméstica. É durante este período que surge a primeira demonstração de revolta contra todos aqueles que possuem o poder de ter.

Ficava entre o tanque e a pia o tempo todo e foi dali que viu, pela porta entreaberta, o homem no televisor dizer que o incêndio fora acidental. Sentiu vontade de matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada. (LINS, 2012, p. 22)

A “gente branca” representa tudo aquilo que lhe foi negado durante sua vida. O direito à igualdade se perde dentro das desigualdades existentes no mundo real e repleto de dificuldades financeiras. Por que uns tinham o direito de ter tanto, enquanto ele não tinha nada? Vivia embaixo da pia, sem teto, dependendo da “caridade” daqueles pelo qual só conseguia sentir raiva e ressentimento³ por tudo aquilo que lhe haviam tirado, por serem tudo aquilo que ele não era. Inferninho é mais uma peça de um grande sistema, no qual uns são privilegiados, enquanto a maioria trabalha para manter os privilégios fornecidos a este pequeno grupo.

O único modo de mudar de vida e conseguir ter tudo o que desejam é encontrando o que os marginais, existentes no romance de Paulo Lins, chamam de “a boa”. Esta seria uma espécie de aposentadoria do crime, na qual o assalto forneceria uma grande quantidade de dinheiro de forma que nunca mais precisassem roubar.

² “O capital não é, portanto, um poder pessoal: é um poder social.” (Marx & ENGELS, 2012, p. 32)

³ O oposto do reconhecimento social significa a negação da dignidade, a humilhação. Uma pessoa se sente humilhada quando recebe a mensagem, por palavras ou ações, de que não pode ser quem pensa que é. Essa humilhação gera preconceito e ressentimento. Numa sociedade individualista como a nossa, este é um tipo venenoso e implacável de ressentimento e uma das mais comuns causas de conflito, rebelião e revolta. Ela destrói a autoestima - nega o reconhecimento, recusa o respeito e aplica a exclusão -, substitui a exploração e assume a discriminação como explicação mais comumente usada para justificar o rancor do indivíduo em relação à sociedade. (BAUMAN, 2010, p. 78)

“Inferninho dizia que ia continuar a meter bronca até estourar a boa para montar um comércio grande com um monte de empregados trabalhando e ele só contando dinheiro, dando as ordens.” (LINS, 2012, p. 74) Este trecho representa o mundo capitalista, muitos trabalhando para o enriquecimento de poucos. O desejo da personagem era o de inverter sua posição social, deixar de ser o explorado para ser explorador. O que nos leva a uma tríade. O que ele é: bandido. O que ele deveria ser: trabalhador. O que ele quer ser: dono.

Inferninho sabe que nunca atingirá seu objetivo sendo trabalhador, por isso enveredou pelo mundo do crime, na busca pelo que todos os criminosos da história chamam de “a boa”, uma espécie de herança, que a família não pode fornecer-lhe, mas que através de seus crimes poderia conseguir. Essa enorme quantidade de dinheiro seria não só o passaporte para sair do mundo do crime, mas também para uma mudança de classe social.

3. O PREÇO DO TER

Bauman (2010) sugere que o capitalismo sofreu modificações com o passar dos anos. No início, o trabalho do proletariado era explorado; com a evolução do modo capitalista, o endividamento provocado pelo constante desejo de ter além daquilo que se pode pagar é o novo foco da exploração. A esta mudança, o teórico denominou capitalismo líquido.

O cidadão é compelido, a todo instante, a se endividar, pois numa sociedade em que você é o que você tem, as pessoas vivem cada dia mais dependentes do crédito, tal como os viciados que dependem das drogas. O campo comercial possibilitou a expansão do capitalismo através da exploração do crédito. O trabalhador passa a viver da exploração da sua dívida. Chega um momento em que ele irá comprometer sua própria existência para poder honrar o pagamento destas obrigações financeiras.

No mundo do crime não é muito diferente, o tráfico de drogas funciona como uma forma de capitalismo com leis próprias, em que os traficantes é que irão ditar as regras de funcionamento. Uma das leis presente é a do mais forte, que tenta fazer do crime uma oportunidade de mudar de vida, de ter tudo aquilo que se deseja. Como no capitalismo, o tráfico possui um único objetivo, o de lucrar a qualquer preço.

Os criminosos ainda possuem um outro ponto em comum com a sociedade do capital, assim como o trabalhador que deseja ter o objeto e o compra, sem no entanto ter o dinheiro para pagá-lo; eles, ao invés do crédito, utilizam o roubo como forma de ter no momento do desejo.

A ideia de comprar desmedidamente é incentivada pelas propagandas. Estas também convencem o consumidor de que não se deve esperar para ter, mesmo que este não possua condições para efetuar o pagamento à vista, pois para isso existem as compras a prazo, os cartões de crédito, entre outras facilidades que induzem o trabalhador a comprar sem se preocupar na forma como quitará a dívida. Assim é no mundo do tráfico, no qual o viciado é levado a comprar a droga mesmo sem ter o dinheiro para pagar, só se preocupando com isso depois de ter satisfeito sua vontade. Ambos, de formas diferentes, comprometem sua existência. Os trabalhadores pagam com o comprometimento de sua vida econômica e social, os bandidos pagam com a vida, ou melhor, com o fim desta.

4. VIOLÊNCIA LEGITIMADA X VIOLÊNCIA NÃO LEGITIMADA

Para Slavoj Žižek, a violência subjetiva, que seria aquela visível a todos, por se tratar de uma explosão comportamental muito distante dos padrões de normalidade social, é provocada por um outro tipo de violência, denominada violência sistêmica. “Em segundo lugar, há aquilo a que eu chamo violência ‘sistêmica’, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político.” (ŽIŽEK, 2014, pp. 43-44). Sob esta visão, Inferninho, seria fruto do sistema capitalista, que ao lhe negar todos os privilégios fornecidos àqueles que detêm o capital, provocou-lhe uma revolta não contra as desigualdades sociais provocadas pelo capitalismo, mas por não fazer parte do grupo dos privilegiados⁴.

Para analisar a violência cometida por Inferninho, faz-se necessária uma análise de todos os fatores que o levaram a isso: a falta de estrutura familiar, a morte da avó em um incêndio criminoso encoberto pela justiça e pelas mídias, sendo considerado acidental. Presenciar, na casa da patroa da tia, todos os privilégios que a falta de dinheiro não lhe permitia ter e o desejo crescente de não ser trabalhador explorado, mas, sim, patrão explorador. A maioria destes fatores são consequências negativas do sistema, que lhe retira a dignidade e lhe provoca a revolta. “Aqui, estamos falando sobre a violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência.” (ŽIŽEK, 2014, p. 62) Inferninho não aceitou ser explorado, nem dominado, pelo contrário: queria dominar, explorar; criou suas próprias regras e viu no crime a única forma de conseguir alcançar seus objetivos. Porém, sofreu as consequências por não se encaixar no sistema.

A questão da violência está presente durante toda a narrativa de *Cidade de Deus*, e, para melhor tratá-la, esta será dividida em dois tipos: a violência legitimada, aquela exercida por Cabeça de Nós Todos, Belzebu e todos os outros policiais, e a não legitimada, praticada por Inferninho e todos os outros criminosos.

Segundo Georges Bataille, as leis sociais que regem o homicídio podem ser associadas às mesmas que regem o ato sexual.

A atividade sexual não é proibida senão em casos determinados, o mesmo acontecendo com o homicídio: se o interdito que se lhe opõe, é formulado de uma maneira mais geral e mais grosseira que os interditos sexuais, ele se limita, como estes últimos, a reduzir a possibilidade de matar em certas ocasiões. Ele é formulado de uma maneira muito simples: “Não matarás”. E é verdade que ele é universal, mas está evidentemente subentendido: “Salvo em caso de guerra, e em outras condições mais ou menos previstas pelo corpo social”. De modo, que ele é o paralelo quase perfeito do interdito sexual que se anuncia: “Só haverá intercurso carnal — no casamento”, ao qual, evidentemente, se acrescenta: “Ou em certos casos previstos pelos costumes”. (BATAILLE, 1987, p. 67)

⁴ O que não compreendiam era que, sob a forma dessa violência subjetiva e irracional, estavam recebendo de volta a mensagem que eles próprios haviam enviado sob a sua verdadeira forma invertida. É esta violência que parece irromper “do nada” que corresponde, talvez, àquilo que Walter Benjamin, em seu “Para uma crítica da violência”, chamou de violência pura, divina. (ŽIŽEK, 2014, p. 63)

Cabeça de Nós Todos, assim como os policiais de modo geral, possuía uma ideia errada da autoridade concedida a ele, para que através dela pudesse proteger melhor a população. Ele se encaixa nas “condições mais ou menos previstas pelo corpo social”, descritas por Bataille. A personagem que deveria representar proteção, utilizava de forma abusiva desta condição especial. Ao invés de cuidar da segurança em Cidade de Deus. Ele cometia vários atos violentos não só para com os bandidos, mas, também, para com os moradores de modo geral. Descontava na população toda a raiva por receber pouco, por ter sido abandonado pela mulher, por nunca conseguir pegar Inferninho, entre outras frustrações pessoais, que eram motivos constantes das suas agressões. Não entendia o porquê do apoio da população aos bandidos e o ódio destinado aos policiais, mas nunca parou para refletir se seus atos eram corretos ou não, se seus métodos eram a melhor forma de exercer seu trabalho ou não. Para ele, a violência era o único meio de lidar com os moradores da favela.

Inferninho não se encaixa dentro das exceções previstas pelas regras do homicídio; agride e mata sem possuir justificativas. Tudo que foge às regras sociais é visto como um perigo. Assim, também é a violência praticada pelos criminosos. Ela não foi legitimada, não há um controle sobre ela. Portanto, precisa ser exterminada. Assim como o tráfico de drogas foge às práticas capitalistas legais. A violência desregrada foge às leis sociais e por este motivo assusta e incomoda tanto.

Por que vários assassinatos cometidos durante uma guerra são vistos com naturalidade, enquanto um homicídio cometido por um cidadão comum, por exemplo, em um assalto, incomoda tanto? Porque o primeiro caso é socialmente legitimado, enquanto o segundo fugiu à regra, ao domínio das leis que regem o corpo social. Os assassinatos cometidos por policiais são legitimados pelas mídias, que tentam de alguma forma encobrir tais atos com frases do tipo “Bandido bom é bandido morto.” e “Menos um pra se preocupar.”. É como se, ao matar um criminoso, o policial estivesse fazendo um favor para a sociedade.

Inferninho, assim como outros criminosos, estabeleceu suas próprias regras. Uma delas, relacionada ao homicídio, é de só matar aqueles que reagiam ao assalto, pois os que não reagiam, não ofereciam motivos para que o assassinato fosse cometido. É esta independência na criação de regras próprias que assusta aqueles que tentam controlar as ações na sociedade.

5. MORTE E LEGADO

Nem tudo na vida de Inferninho se resume à revolta e criminalidade. A princípio, a personagem nutria um profundo desejo pela mulher de um de seus melhores amigos, Cleide. No entanto, seus anseios são postos de lado em consideração à amizade, muito mais importante do que uma simples vontade.

Algum tempo depois, em casa de sua amiga Lúcia Maracanã, conheceu Berenice, que o faz pensar em deixar a vida promíscua de lado e sossegar com uma única mulher. Ela, assaltante de bolsas de madames na feira, também desejava sossegar ao lado de alguém na vida; se fez de difícil no começo, mas logo se entregou ao desejo pelo bandido. Os dois vão morar juntos e, após viver algum tempo, a escolhida de Inferninho irá pedir que ele largue a vida de crimes. No entanto, ele declara que só fará isso após encontrar “a boa”.

Alguns anos se passam, a quantidade de crimes de Inferninho aumenta cada vez mais e a polícia, principalmente Cabeça de Nós Todos e Belzebu, passa a perseguir o

bandido a todo custo. Não que fossem policiais exemplares, mas porque, após tantas fugas, o caso assumira um caráter pessoal.

Inferninho chega a tentar matar Cabeça de Nós Todos, após ouvir da Pomba Gira, sua protetora, que se ele não o matasse, acabaria por morrer pelas mãos do policial, mas não obteve sucesso. Quem realizou a tarefa foi Ferroada, seu novo parceiro de crimes. No entanto, ainda restava Belzebu e é pelas mãos deste que a vida do bandido irá pagar o preço do ter o que a sociedade lhe havia negado, mas que ele havia tentado tomar à força. Alguns momentos antes de sua morte, deitado no chão com a arma do policial apontada para sua cabeça, Inferninho sente uma paz inexplicável, uma felicidade nunca antes sentida e que o faz refletir sobre algumas questões de sua tão curta existência.

Inferninho não esboçou reação. Ao contrário do que esperava Belzebu, uma tranquilidade sem sentido estabeleceu-se em sua consciência, um sorriso quase abstrato retratava a paz que nunca sentira, uma paz que sempre buscou naquilo que o dinheiro pode oferecer, pois, na verdade, não percebera as coisas mais normais da vida. E o que é o normal nessa vida? A paz que para uns é isso e para outros é aquilo? A paz que todos buscam mesmo sem saber decifrá-la em toda sua plenitude? O que é a paz? O que é mesmo bom nessa vida? Sempre teve dúvidas sobre essas coisas. (LINS, 2012, p. 163)

A história de Inferninho termina com a sua morte. Porém, muito tempo depois, um filho seu com Berenice será mencionado como um dos integrantes do bando de Zé Miúdo, principal traficante de Cidade de Deus. Seu pai não lhe deixou uma herança em dinheiro ou bens de consumo, mas deixou-lhe o legado da criminalidade. O desejo de vingar a morte de seu pai, o estigma de ser filho de bandido, acrescido da intensa vontade de conseguir “a boa”, somada aos mesmos medos e anseios vivenciados por seu pai, proporcionados por uma vida de revolta e crimes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em **Cidade de Deus**, há uma visão de dentro para fora, pois Paulo Lins foi morador da comunidade tema do romance, vivenciou os problemas descritos. Isto nos permite repensar a criminalidade sob um novo ângulo, não de forma preconceituosa, mas observando uma série de fatores sociais e econômicos provocados pela ação deletéria das forças capitalistas e que, por vezes, passam despercebidos àqueles que não sofrem o efeito negativo de uma sociedade baseada na ideia de que o ser humano é mensurado por aquilo que se tem e não pelo que se é.

Uma forma de verificar a importância da diferença do olhar sobre o desfavorecido socialmente é opondo a perspectiva de Paulo Lins à do diretor Fernando Meirelles, filho de uma família de classe média alta, no filme baseado no romance, lançado em 2002. Neste, o nome de Inferninho é modificado para Cabeleira, cuja trajetória passa a impressão ao telespectador de que este era um pobre coitado que se aventura na vida de crimes, mas que não possuía coragem para matar ninguém, o que ao lermos a narrativa original, constatamos que não condiz em nada com a personagem original. Outras modificações foram feitas, como o arrependimento pela vida de crimes e a tentativa de fugir para sair dela. Tudo feito com o objetivo de aproximar o bandido do público. No entanto, a vida de privações ocasionadas pelas desigualdades do sistema

e vivenciadas por *Inferninho*, não é exposta na obra cinematográfica. A mudança da linguagem literária para a cinematográfica, oculta certos problemas existentes no sistema, visto que essa última está voltada para um público que parece demandar uma maior desproblematização e, talvez, mais divertimento e empatia.

A personagem principal do filme, que narra todo o crescimento do tráfico e da criminalidade, é Buscapé, que trabalha honestamente desde pequeno para ajudar sua família, simbolizando o conceito capitalista de que o bom cidadão é aquele que trabalha, que se enquadra dentro do sistema. Enfim, o filme possui um enfoque bem diferente do romance de Paulo Lins e nos possibilita verificar a importância do ponto de vista dentro de uma narrativa.

Compreendemos, através das análises no decorrer deste artigo, o desejo de dominação das classes dominantes sobre os desfavorecidos economicamente, para que estes não ofereçam ameaça às regalias oferecidas àqueles que detêm o capital. Os criminosos fogem a esse controle, oferecem perigos e por isso devem ser detidos.

Inferninho representa uma classe de oprimidos que não aceita sua posição inferior dentro do sistema e que se rebela contra isso. Desta forma, percebemos como a literatura pode servir de ponto de partida para uma reflexão sobre os problemas ocasionados pela desigualdade social.

INFERNINHO: A PROBLEMATIZATION OF SOCIAL INEQUALITY IN *CITY OF GOD*, BY PAULO LINS

ABSTRACT:

This article aims to analyze the character *Inferninho*, from *City of God*, highlighting the social and economic problems provided by capitalism; as well as the revolt of the underprivileged, caused by existing social disparities in society today. We discuss the exploitation of labor and its relation to drug traffic, from problematizations made by Karl Marx in the Nineteenth Century, but which remain today. To substantiate our analysis, we will also support ourselves in other authors such as Georges Bataille, Slavoj Zizek, and Zygmunt Bauman.

Key-words: Brazilian Literature; City of God; capitalism; social inequalities.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BATAILLE, Georges. **O erotismo**; tradução de Antônio Carlos Viana.- Porto Alegre: L&PM. 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**/ Zygmunt Bauman e Tim May; tradução Adriana Aguiar.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. – São Paulo: Planeta, 2012.

MARX, Karl. **As armas da crítica: antologia do pensamento de esquerda: clássicos/** Ivana Jinkings, Emir Sader [organizadores; tradução de Paula Almeida... et al.]- São Paulo: Boitempo, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência.**- São Paulo: Boitempo, 2014.